

## A língua e suas falhas: o discurso na contemporaneidade

ALOÍSIO DE MEDEIROS DANTAS

Professor Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Unesp, lotado na Universidade Federal de Campina Grande.

Resumo: O artigo discute os conceitos de contemporaneidade, sujeito e língua. Após a discussão desses três conceitos, com um aprofundamento sobre as falhas da língua e a metodologia da Análise de Discurso, o artigo faz reflexões sobre três aspectos dessas categorias teóricas: a fugacidade consumível dos discursos contemporâneos, a ambivalência indivíduo/Estado do sujeito contemporâneo e o equívoco das línguas. O artigo traz reflexões para discussão, pelos analistas de discurso, no tocante a discursos sobre a nudez do corpo, formas de baixo calão de "vestimenta" do corpo, discurso das máscaras de beleza, discurso "macho" de dizer o sexo, discurso médico de dizer o sexo e a língua contemporânea de desejo e fuga de sentidos.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Sujeito. Língua. Discurso.

Abstract: This paper discusses the concepts of contemporaneity, human subject and language. Following the discussion of these three concepts, which entails the study of the methodology of Discourse Analysis and of language flaws, three aspects of these theoretical categories are examined: the consumable evanescence of contemporary discourses, the ambivalence individual/State in the contemporary subject and the equivocal in languages. Besides that, the discourse analysts also focus on discourses about (body) nakedness, forms of foul language about clothing considered inappropriate, beauty masks, the macho man ways of addressing sex, the medical doctor ways of addressing sex and the contemporary language about desire and the elusiveness of meaning.

Keywords: contemporaneity, human subject, language



## A contemporaneidade

A língua é sempre acompanhada de um falante que vive o seu tempo e adquire as *esquisitices* de seu desenrolar. Mas o que vêm a ser essas *esquisitices*, ao pensarmos a contemporaneidade? Outra pergunta acompanha essa: existe, no percurso incessante de transformações de sentido do presente, o que geralmente denomina-se de “contemporaneidade”? Invocamos Eni Orlandi (2009, p. 20), para sustentar que essas *esquisitices* da contemporaneidade resultam da necessidade de convivência do mercado e do Estado, em que este falta e é completado pelo mercado. Essa ausência do Estado e o seu preenchimento por sociedades de mercado produzem o que a autora denomina de *sem-sentido*, mas que preferimos denominar de desbordamento da língua. A costura sintática da língua se rasga e deixa escapar discursos não pretendidos pelo falante – os equívocos discursivos da língua. São esses equívocos discursivos do falante que recortam uma nova língua para a contemporaneidade e fazem seus sujeitos dizerem-na como acontecimento discursivo.

Quais os lugares da contemporaneidade, numa pesquisa sobre língua? Eles se encontram no sujeito, que escolhe, no presente, materialidades simbólicas para dizer suas estranhezas sobre a realidade, o que implica um outro acontecimento de língua, nem formal-lógico, nem empírico-heterogêneo. É essa outra maneira de ser língua e ser falante que discutimos neste artigo.

A contemporaneidade invade os sujeitos em todas as suas atividades e, sobremaneira, naquelas de natureza simbólica e relacionadas à linguagem. Ao contrário da certeza da razão, hoje vivenciamos a fragmentação de valores e sentidos. Vivemos a era da globalização, o que, segundo Bauman (2008, p. 48-49), caracteriza-se por processos desordenados, autoimpulsionados, espontâneos e erráticos, livre de um Estado soberano institucionalizado; essa nova forma de poder é fugaz e

volátil. Essa fugacidade do poder traz consequências para o discurso e a língua, na medida em que a informação não se sustenta mais no espaço físico:

A transmissão eletrônica de informação agora é instantânea e só precisa de uma tomada; o intercâmbio comunal que tentasse ignorar a mídia eletrônica teria de se basear, como sempre fez, na mídia ortodoxa, com reuniões e conversações cuja velocidade tem 'limites naturais' e cujos custos são altos e – ao menos em termos comparativos – crescentes. O resultado é a *desvalorização do lugar*. O espaço físico, não cibernético, onde as comunicações não-virtuais ocorrem, é apenas um lugar para entrega, absorção e reciclagem de informação do ciberespaço, essencialmente extraterritorial (BAUMAN, 2008, p. 52-53, itálico do autor).

A língua será a mesma nessa contemporaneidade? O discurso sobre a língua será o mesmo? Estas questões acompanham o sujeito em todas as suas formas de viver, mesmo quando silenciadas.

Na contemporaneidade, os sujeitos, sem a regulamentação normativa do Estado, são coagidos e policiados, pela propaganda, para se tornarem consumidores, o que os torna ambivalentes em sua vida pessoal (BAUMAN, 2008, p. 92). Bauman define ambivalência como aquela situação em que o sujeito não está certo do que vai acontecer, como se comportar e nem prever qual será o resultado de suas ações (2008, p. 78). Na contemporaneidade, a solução dessa ambivalência, que se transforma em ansiedade subjetiva, sofre um processo de desregulamentação estatal e é privatizada para o indivíduo. O fenômeno social e seus problemas (como empregabilidade) deixa de ser responsabilidade do Estado e passa a ser um *problema pessoal* do sujeito (BAUMAN, 2008, p. 93, itálico do autor).

Essa individualização ambivalente (o sujeito dividido entre o Estado e si mesmo, o que o torna ansioso

e ambivalente) traz consequências para a língua do sujeito falante, o que conduz a outras questões da pesquisa: na fala individualizada ainda existe espaço para a língua? Com qual língua o sujeito fala? Acreditamos que, por vivermos numa contemporaneidade complexa, onde real e virtual se misturam, ainda precisamos compreender a língua que falamos, mas não em uma repetição da realidade desconexa e fragmentária de nosso cotidiano, mas nos efeitos de sentido que ela produz no real do sujeito, e não apenas em seu imaginário.

### **A metodologia em Análise de Discurso**

Eni Orlandi (1999, p. 59-92) expõe suas reflexões sobre metodologia em Análise de Discurso, cujas principais ideias expomos. A construção de um dispositivo metodológico inter-relaciona descrição e interpretação. A interpretação faz parte tanto do sujeito que está sendo analisado quanto do analista. Este, no entanto, constrói seu dispositivo teórico de forma a não ser vítima dos efeitos discursivos do sujeito (ou objeto) em análise. É por essa razão que a autora afirma que “[...] não há análise de discurso, sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação” (ORLANDI, 1999, p. 62). A questão da pesquisa particulariza a análise, em função do conhecimento científico em que ela se insere.

O *corpus* é constituído pela teoria escolhida, considerando os eventos de linguagem como fatos, em sua materialidade linguístico-discursiva e memória semântica. O *corpus* é uma construção do analista, na medida em que, como afirma a autora, “[...] a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas”; constituir o *corpus* “[...] é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise” (ORLANDI, 1999, p. 63).

Em termos objetivos, a autora apresenta como se deve realizar metodologicamente uma análise de discurso:

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente des-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analista que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas [...] Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho (ORLANDI, 1999, p. 66-67).

Orlandi (1999, p. 77) descreve essa metodologia em três etapas, e se inicia no contato com a superfície linguística do texto (discurso), passa para o objeto discursivo, por meio do recurso a conceitos teóricos da Análise de Discurso e, finalmente, analisa o processo discursivo, através dos efeitos discursivos, nos deslocamentos entre descrição e interpretação, como já pretendia Pêcheux (1990b).

Michel Pêcheux (1990a, 315-317) defende que o objeto da Análise de Discurso deve resultar de um trabalho de interrogação-negação-desconstrução, de modo que os objetos sejam caracterizados como acontecimentos discursivos, numa deriva de pontos de vista e lugares discursivos, materializados no fio intradiscursivo. É pela materialidade da enunciação que serão construídos os objetos de estudo para análise. Citaremos integralmente o último tópico de seu texto:

Como conceber o *processo de uma AD* de tal maneira que esse processo seja uma interação 'em espiral' combinando entrecruzamentos, reuniões e dissociações de séries textuais (orais/escritas), de construções de questões, de estruturações de redes de memória e de produções da escrita? Como a escrita vem escandir tal processo, aí produzindo *efeito de interpretação*? Como o *sujeito-leitor* emerge nessa escansão? O que é *interrupção* nesse processo? Em que condições um interpretação pode (ou não) fazer intervenção? Pode-se (re)definir uma 'política' da análise de discurso? (PÊCHEUX, 1990a, p. 318, itálico e aspas do autor).

É essa disciplina, cuja metodologia é repleta de interrogações e deslocamentos, que traremos para o estudo da língua na contemporaneidade. A pesquisa desenvolverá, em termos teóricos, os diferentes processos, através dos quais o sujeito lida com a língua, seja a nativa, seja a estrangeira. Em suas apropriações da língua, o sujeito é atravessado por diferentes discursos, que dão contornos diferentes à sua pronúncia, à sua modelação morfológica, à sua construção sintática e às heterogêneas realizações semântico-pragmáticas de sua textualização, oral ou escrita. Em outro lugar, afirmamos que “[...] a língua é uma materialidade onde a história intervém para produzir o deslocamento de sentido (equivoco, falha, metáfora), mantendo o caráter de unidade e totalidade” (DANTAS, 2007, p. 23). Atualmente, sentimos a necessidade de rever essa posição, já que a leitura de textos literários nos fez perceber que os deslocamentos e equívocos não se realizam apenas nos sentidos, mas também na própria unidade e totalidade da língua.

### **As falhas da língua**

Segundo Michel Pêcheux, o estatuto do acontecimento discursivo entrecruza proposições logicamente estáveis e formulações equívocas: “[...] a

questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y etc.) e formulações irremediavelmente equívocas” (PÊCHEUX, 1990b, p.28). Essa posição teórica governa as reflexões sobre a língua, nesta pesquisa. A língua é tecida de enunciados apresentados numa estruturação de aparência lógica, mas atualizados por equívocos e falas divergentes. Ao falar uma língua, mesmo a materna, o sujeito se sente seguro quando a imagina sustentada por uma gramática – que aprisiona, por regras, fonemas, morfemas, frases, concordâncias e regências, como o sujeito organiza sua textualidade – e por um dicionário, que conserva as palavras e os sentidos que ele pode dizer. A gramática e o dicionário, portanto, são os instrumentos de que se vale todo sujeito falante para se dar a si próprio uma identidade linguística. No entanto, na maioria das vezes esse solo de segurança lógica desaparece sob os pés do falante e ele se perde a formular equívocos – por meio de lapsos, piadas, trocadilhos, metáforas – numa estruturação linguística que não é mais aquela reconhecida por sua gramática e dicionário, suas máquinas lógicas portáteis. O sujeito já não é mais o mesmo falante, ou terá ele tido acesso a uma outra língua, a que não tinha acesso ou da qual se esquecera, ou escondera de si mesmo, para manter-se dentro da norma estabelecida por suas máquinas lógicas portáteis. No tocante à língua, essa tensão lógica/equívoco converte-se num percurso que a atravessa por inteiro. O próprio Pêcheux afirma que se deve abordar a língua, através do papel do equívoco, da elipse, da falta, considerando o objeto da linguística do seguinte modo:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer



norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações (PÊCHEUX, 1990b, p. 51)

Tocado por essa divisão no interior de seu próprio imaginário linguístico, o sujeito só dispõe do discurso para justificar-se como falante de uma língua. Consequentemente, compreenderemos, nesta pesquisa, a língua como um acontecimento discursivo, como entendemos esse conceito em Foucault, para quem “[...] os acontecimentos discursivos [são] cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis” (FOUCAULT, 1996, p. 58). Nesse arcabouço interpretativo, é necessária, segundo o próprio Foucault, “uma teoria das sistematicidades descontínuas” (1996, p. 59). A língua, enquanto acontecimento discursivo, que toca o sujeito falante, deixa de ser um sistema lógico/formal e transforma-se em uma sistematicidade descontínua, sujeita às falhas e lacunas inerentes ao humano, constituído numa prática histórica.

Eni Orlandi (1996, p.45-51) afirma que se deve considerar a ordem da língua, concebendo-a como sistema significante material, sujeito a falhas, atravessada pela História, que a recobre de equívoco e interpretação. Segundo a autora, “[...] a ordem significante é capaz de equívoco, de deslize, de falha, sem perder seu caráter de unidade, de totalidade” (ORLANDI, 1996, p. 48). No entanto, essa relação entre língua e História apenas se realiza por meio da prática do sujeito, que deve se submeter à língua, ao simbólico; ao jogo da língua na História, na produção dos sentidos. É o acontecimento do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos. Essa língua, situada historicamente e que submete o sujeito, é capaz de falha, que é constitutiva da ordem simbólica. O equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na História que produz o equívoco, que se dá no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente.

O equívoco é a falha da língua na História. O sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento socio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia. Por sua vez, a formação discursiva representa o lugar de constituição do sentido e identificação do sujeito; nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro. A ordem da língua (a língua se abre para o equívoco) e a da História (a História é História quando os fatos reclamam sentidos), em sua articulação e funcionamento, constituem a ordem do discurso. Na relação contínua entre a estrutura – a regra, a estabilização – e o acontecimento – o jogo e o movimento –, os sujeitos e os sentidos experimentam mundo e linguagem, repetem e se deslocam, permanecem e rompem limites. É isso que significa a determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos: nem fixados *ad aeternum*, nem desligados como se pudessem ser quaisquer uns; sua condição de históricos fazem-nos mutáveis e permanentes. A determinação histórica na constituição dos sujeitos e dos sentidos tem uma forma material concreta distinta nas diferentes formas sociais (ORLANDI, 2001, p. 100-104).

O que vem a ser esse real da língua? Vamo-nos ater ao que diz Jean-Claude Milner sobre esse conceito. O autor começa por definir o equívoco, como “[...] tudo que o promove, homofonia, homografia, tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras [...] uma locução, trabalhada pelo equívoco, é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra” (MILNER, 1987, p. 13). Como a língua é um círculo imaginário que atende às demandas do sujeito, o real equívoco resiste e vai produzindo “no éter da língua singularidades heterogêneas” (MILNER, 1987, p. 14). Nesse primeiro momento, Milner assume que há dois universos linguísticos, um imaginário, que

se distribui para todos os sujeitos, e um real equívoco, que se debruça sobre esse imaginário cotidiano e produz uma outra língua heterogênea. Nesse universo de línguas imaginárias e heterogêneas, há um outro real da língua, que Milner denomina através de um termo de Lacan, a alíngua (no texto lacaniano *lalangue*) e chega a afirmar, com destaque, que “[...] a língua suporta o real da alíngua” (MILNER, 1987, p. 19). O autor a define do seguinte modo:

Alíngua é o que faz com que uma língua não seja comparável a nenhuma outra [...] Alíngua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco. Nós sabemos como chegar aí: desestratificando, confundindo sistematicamente som e sentido, menção e uso, escrita e representado, impedindo, com isto, que um estrato possa servir de apoio para destrinchar um outro [...] Um modo singular de produzir equívoco, eis o que é uma língua entre outras. Assim, ela se torna coleção de lugares, todos singulares e todos heterogêneos: de qualquer lado que se a considere, ela é outra para ela mesma, incessantemente heterotópica (MILNER, 1987, p. 15)

Essa concepção da língua como alíngua, o real da língua do equívoco, uma língua entre outras línguas, vem sustentar a leitura que fazemos da língua na contemporaneidade, esse lugar que foge às gramáticas e dicionários. Para a realização da pesquisa, pretendemos aprofundar esse conceito de alíngua e detectarmos os pontos de contato entre a prescrição, a heterogeneidade de língua e esse real equívoco da alíngua e do impossível de dizer.

Podemos encontrar uma concepção de real da língua na leitura de Françoise Gadet e Michel Pêcheux. Os autores (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 19-26) refletem sobre as diferentes maneiras de língua na contemporaneidade e concluem que há quatro enunciações de língua: a natural, aquela que o sujeito fala enquanto

realização de sua subjetividade; a metálica/lógica, aquela que fabrica sua própria memória, para apagar a história (línguas artificiais, programas de computador e outras); a administrativo-política, a chamada língua de madeira, que adquire uma formalização, por uma necessidade da lógica de Estado, que é um sem-sentido para o indivíduo cotidiano; e a língua de vento, ou língua de equívocos, insinuante, com sentido subliminar, maleável conforme o sujeito.

No tocante a tais reflexões, cabe-nos citar textualmente o que dizem os autores:

Em toda língua falada por seres humanos, os traços significantes, as 'marcas' linguísticas não se estruturam segundo a ordem lógico-matemática. A dificuldade do estudo das línguas naturais provém do fato de que suas marcas sintáticas são essencialmente capazes de deslocamentos, de transgressões, de reorganizações. É também a razão pela qual as línguas naturais são capazes de política (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 24).

Estes autores (2004, p.30) passam a discutir com quais concepções de língua a linguística, por eles pretendida, pode trabalhar. Eles concebem a língua na constitutividade de duas ordens: a ordem interna da língua – a estrutura e seus efeitos –, e a ordem externa da língua, o que resulta em dominações de conservação (gramáticas e dicionários), de restabelecimento (políticas de língua) e de inversões (línguas de resistência).

Os autores defendem um real da língua atravessado pelo sujeito e pelos sentidos, de modo que consideram-no “[...] cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do *Witz* e das séries associativas que o desestratificam, sem apagá-lo” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 55). Esse real da língua pressupõe a *alíngua* e constitui um espaço, no qual os sentidos que se repetem produzem equívocos, através das formas linguísticas de homofonia, homossemia e diferentes metáforas (GADET; PÊCHEUX, 2004). Os

gramáticos e os linguistas devem trabalhar para que esse real da língua perca o seu contorno desestratificador e ganhe imaginário do UM: “[...] supor que o real da língua é representável, que ele guarda em si o repetível, e que esse repetível forma uma rede que autoriza a construção de regras” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 53). Essa concepção de língua é reforçada pela posição teórica dos autores, quando afirmam que “[...] a língua é um sistema que não pode ser fechado, que existe fora de todo sujeito, o que não implica absolutamente que ele escape ao representável” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 63).

Françoise Gadet e Michel Pêcheux (2004) concebem que toda língua é um espaço sujeito a equívocos e deslocamentos de sentido, que afetam sua existência como real, no entanto esses deslizamentos não impedem um trabalho político e/ou interpretativo de sistematização, por meio de instrumentos que a segurem em sua dispersão. Daí a necessidade de gramáticas, dicionários, teorias linguísticas, políticas de língua, o que produz diferentes “línguas”, conforme a enunciação destas por políticos, sujeitos cotidianos, nacionalistas, administradores etc.

### **A língua na contemporaneidade**

Feitos os devidos resgates teóricos e metodológicos sobre contemporaneidade e língua, procuraremos responder a alguns questionamentos, considerando as categorias teóricas, a partir das leituras realizadas em nosso percurso:

- a) Os discursos contemporâneos são fugazes e mercadorias consumíveis;
- b) os sujeitos contemporâneos são ambivalentes, no sentido de que são tocados pelo Estado, mas individuais;
- c) o equívoco habita a língua, de modo que ela dispõe de um sistema, mas com buracos,

por onde passam sentidos não desejados pela gramática e pelos dicionários.

Para que possamos discutir de modo mais acurado o discurso/objeto de consumo, o sujeito ambivalente e a língua de equívocos, selecionaremos o tema da sexualidade na contemporaneidade. Esse tema será lido como efeito discursivo, no tocante às categorias escolhidas, com o cuidado metodológico do ir e vir da construção teórica do objeto e dos procedimentos de análise, no batimento da descrição estrutural e da interpretação do acontecimento discursivo, sem descair na leitura única.

A sexualidade é um tema que aparece com efeito discursivo em diferentes espaços sociais, no entanto o que nos toca neste artigo é a sua oferta como objeto, seja no discurso publicitário, ou na mídia televisiva, em filmes e novelas. O que se oferece como consumo é o corpo, nas suas imagens. A imagem do corpo significa como objeto de consumo em diferentes processos discursivos: o corpo nu (masculino ou feminino) desvenda a hipocrisia da herança social, o corpo revestido de um discurso de baixo calão (ou palavrões), o corpo maquiado como máscara de beleza. Enfatizaremos apenas esses três efeitos discursivos na textualidade contemporânea.

No tocante ao modo como o corpo é consumido em termos de expressão de nudez, verificamos no discurso contemporâneo as mulheres falarem sobre seu corpo, desnudando-o sem pejo, como na fala abaixo em que aspectos físicos femininos – *gordura, celulite, curvas* – são associados a tópicos abstratos como beleza e caráter.

Preta Gil costuma dizer que não é mulher de levantar bandeira e que odeia rótulos. Já foi muito criticada e 'ridicularizada' por estar fora dos padrões cada vez mais exigentes de beleza que sentenciam: mulher bonita é magra ou magérrima. 'Gordinha? Sou. Mas e daí? Tenho celulite, mas tenho caráter. Conheço muita mulher que é seca, esquelada, e não tem um pingão de caráter. Minha celulite não mede nada',

afirma. 'Agora, se me derem paulada, com certeza vou me defender.' E ela está se defendendo. Aqueles 'ratos da internet', como gosta de dizer, que já escreveram em suas fotos na praia 'baleia encalha', agora veem a cantora carioca de 38 anos, filha de Gilberto Gil, conquistar espaço no mercado brasileiro de publicidade justamente com suas curvas (TENHO ... 2012).

Esse discurso sobre a nudez do corpo divide-se em duas formações discursivas, que denominaremos de Beleza Exigente (BE) e Beleza Real (BR). A BE é magra, mas não tem caráter, enquanto a BR é gorda com celulite, mas tem caráter. Ora, esse discurso não é apenas uma forma individualizada de expor o corpo feminino, mas é atravessado por um discurso publicitário que pretende vender produtos para uma população crescente de gordos e obesos. E o corpo feminino, não apenas o esquelético, mas também o gordo, precisa ser desnudado e mostrado em seus valores positivos, razão da necessidade de negar a BE, para afirmar a BR; e para um efeito discursivo mais enfático o discurso contemporâneo sobre o corpo feminino é textualizado do ponto de vista de uma mulher, e não mais sob a ótica masculina, que geralmente desliza para o machismo.

No tocante ao modo como o corpo é revestido de um discurso de baixo calão (ou palavrões), a contemporaneidade produz uma língua de humor, para que esse discurso produza sentidos que *vistam* um corpo, geralmente referido a regiões de órgãos genitais, cômico, ou seja, um corpo divertido, que afeta os sujeitos em sua formação imaginária social. A textualização mais corriqueira desse discurso de baixo calão que reveste os corpos contemporâneos é a piada, como podemos ler abaixo:

**Saca rolha**

A mulher ia se casar, e perguntou para a mãe:

- Mãe, como o meu marido vai saber que eu sou virgem, se eu já tive outras relações sexuais?

A mãe responde:

- Eu tive uma ideia, quando você for para o motel eu vou fazer todos os barulhos.

E quando eles foram para o motel, e o cara enfiou a piroca, a mãe abriu uma garrafa de champanhe.

E o marido pergunta:

- O que foi isso?

E ela responde:

- Foi meu cabaço que estorou...

Marido:

- Então é melhor pegar um saca-rolha, que entrou no meu cu (SACA ROLHA ... 2012).

Nessa piada, o riso é uma espécie de eufemismo, ou um efeito discursivo de atenuação sobre o leitor/ouvinte, das partes do corpo envolvidas. Os termos *piroca*, *cabaço*, *cu* reforçam o humor e o riso e escondem a natureza do sexo e a nudez dos corpos, que, mesmo na contemporaneidade, ainda são privativos da intimidade dos casais.

No tocante ao modo como o corpo maquiado faz-se máscara de beleza, fazemos a leitura de que o discurso feminino sobre a beleza produz um efeito de sentidos de simulação, em que o corpo é mostrado, mas com imperfeições escondidas por trás do denominamos de "máscara de beleza", conforme podemos verificar no texto abaixo, assinado, em termos autorais, por Isabela Zamboni:

Antes de aplicar a maquiagem, é essencial preparar a pele e deixá-la livre de impurezas. Para isso, existem produtos, como os fluidos de limpeza fácil, que ajudam a remover a oleosidade e os resíduos que se acumulam durante o dia. Além da sensação de pele fresquinha, estes itens também ajudam a remover maquiagens pesadas, esconder imperfeições como linhas e poros abertos e realçar a cor dos produtos. Logo após a limpeza da pele, para a maquiagem durar ainda mais, é interessante aplicar o primer, que serve para várias partes do rosto e pode ser encontrado em formatos, texturas e cores diferentes (ZAMBONI; MARQUES, 2012).



A textualização desse discurso de máscara de beleza adquire a materialidade de uma injunção, que exige uma ação da mulher, ou seja, a mulher apenas entra nessa ordem de discurso da beleza se, antes de pôr a máscara (*antes de aplicar a maquiagem*), esconder os seus defeitos (*deixá-la livre de imperfeições, esconder imperfeições*). A realização desta ação de tornar-se mascarada na beleza exige que a mulher realize outra ação, adquirir produtos (*para isso, existem produtos*). Na verdade, no discurso contemporâneo, o que se pretende não é transformar a beleza feminina, mas tornar a mulher uma consumidora de produtos de estética do corpo, para que este possa ser mostrado nu e belo.

O sujeito ambivalente da contemporaneidade – individual e preso ao Estado – diz sua sexualidade por diferentes efeitos discursivos, que são múltiplos e polêmicos. Enfatizaremos apenas dois, referentes todos ao masculino: o discurso “macho” de dizer o sexo e o discurso médico de dizer o sexo.

O discurso “macho” de dizer o sexo realiza-se na atual conjuntura por diferentes formas, mas em todas o falo é um símbolo de liberdade e poder, como na notícia abaixo exemplificada, em que a exibição do órgão genital, acompanhado do que a notícia caracteriza como *prática de atos obscenos*, é uma discursivização do poder da exposição sexual na sociedade contemporânea, na qual os sujeitos ambivalentes perdem sua subjetivação exigida pelo Estado e mostram sua individualidade, através da prática de fazer o seu próprio sexo falar, é o “macho” que não se submete ao Estado, mas diz sua liberdade e poder de fazer. A tentativa de fuga não é apenas do estado de direito, mas também da exposição de erotismo, transformado em objeto de desejo.

Um episódio inusitado está provocando comentários neste final de semana na pacata cidade de Cachoeira dos Índios, no Sertão da Paraíba. Fulano<sup>1</sup>, de 33 anos, foi denunciado após baixar o short e praticar atos obscenos em via pública.

<sup>1</sup> O nome do personagem da notícia foi ocultado.

A exibição das partes íntimas provocou revolta nos moradores que então, resolveram acionar a polícia. Fulano tentou fugir, mas foi preso no Sítio Lagoa do Mato e em seguida, conduzido à delegacia da cidade onde foi reconhecido por testemunhas. O fato ocorreu neste sábado (26). (UM EPISÓDIO ... 2012).

O discurso médico de dizer o sexo remete à textualização de divulgação científica, na qual dominam as sequências explicativas de aproximação entre o médico e o homem, num efeito discursivo em que este aparece não como um sujeito ambivalente indivíduo/Estado, mas como paciente, cuja sexualidade está doente e precisa ser tratada. Nesse discurso, o sujeito homem adulto não é discursivizado doente, em sua materialidade, conforme texto abaixo comprova. Ao contrário, sua sexualidade é construída como problema. No entanto, a forma apelativa *você* inscreve o homem, contraditoriamente ao que pretendia a explicação médica, como um doente, isso porque *quando o problema não é temporário e não desaparece sozinho, fatores físicos frequentemente são a causa*. Desse modo, o discurso médico reitera a natureza ambivalente do sujeito contemporâneo: ele é um indivíduo que tem *problemas de ereção*, facilmente solucionáveis, portanto; mas, ao mesmo tempo, é um sujeito doente (*fatores físicos frequentemente são a causa* da disfunção erétil), que precisa ser tratado pela aparelhagem estatal da saúde (ou mecanismos semelhantes).

Os problemas de ereção são comuns em homens adultos. Na verdade, quase todos os homens **experimentam uma dificuldade ocasional** para ter ou manter uma ereção. Em muitos casos, é um distúrbio temporário que desaparece com pouco ou nenhum tratamento. Em outros casos, pode ser um problema contínuo que prejudica a autoestima e a relação com a parceira e, portanto, **requer tratamento**. Se **você tem dificuldade** de ter ou manter uma ereção em mais de 25% das vezes, isso é considerado um problema.

No passado, acreditava-se que os problemas de ereção estavam “todos na cabeça do homem”. Os homens frequentemente recebiam conselhos inúteis como “não se preocupe” ou “relaxe que isso vai se resolver sozinho”. Hoje os médicos acreditam que, quando o problema não é temporário e não desaparece sozinho, fatores físicos frequentemente são a causa (PROBLEMAS DE EREÇÃO, 2012).

E agora nos perguntamos: como a língua deixa escapar sentidos de sexualidade do seu sistema? Na contemporaneidade, estamos expostos a uma língua de equívocos, na qual os sentidos escapam ao controle dos sujeitos, como podemos verificar nos recortes textuais de um romancista contemporâneo:

Kriska me convidara para o almoço, preparava um espaguete à bolonhesa só para nós dois, e resolvi chamá-la de um telefone público. Telefonei sem necessidade, por puro cabotinismo, pois acabara de mentalizar uma frase de quatro palavras: aí estou chegando quase. Ela: como disseste? Repeti a frase. Ela, sonsa: não escutei. Eu, aos gritos: aí estou chegando quase! Ela, suplicante: de novo! Eu, idiota: aí estou chegando quase! Ela, que nem era muito de rir, estava às gargalhadas por causa da porcaria de um advérbio mal empregado: só mais uma vez!

Fui encontrá-la na penumbra do seu quarto, a me esperar em pé ao lado da cama. Num movimento único tirou o vestido pela cabeça, e vê-la inteiramente nua me deixou atordoado. Branca, branca, branca, eu falava, bela, bela, bela, e ao se esgotarem minha palavras fiquei sem ação. Tive medo de, num arroubo, puxá-la contra o peito e falar as coisas que eu só sabia falar na minha língua, enchendo seus ouvidos de palavras indecorosas, quiçá africanas (BUARQUE, 2003, p. 67-68).

O contexto desses discursos é o de uma obra de ficção da contemporaneidade, na qual o personagem José

Costa está em Budapeste, aprendendo aula de húngaro com Kriska. Esta situação resulta na relação entre duas línguas, o português e o húngaro, línguas maternas, respectivamente, do homem e da mulher, o que faz com que os sentidos escapem do sistema (a gramática, o dicionário) para a afirmação da sexualidade, em dois efeitos discursivos textualizados: o riso da mulher pelo uso assistemático do advérbio, transformado no despir-se ao lado da cama; e a irritação do homem por estar sendo ridicularizado por falar assistematicamente o húngaro, transformada em desejo, que é ao mesmo tempo o uso indecoroso da língua materna (uma outra forma de assistematicidade) e a prática do sexo (*puxar contra o peito, enchendo seus ouvidos*). Essa língua de equívocos da contemporaneidade é desejo, mas também fuga de sentidos, que escapam do controle do sujeito, educado por dicionários e gramáticas. Podemos afirmar que, na contemporaneidade, as línguas têm corpo, mas sujeito a desordens e falhas.

### **Considerações finais**

Discutimos, neste artigo, três conceitos: a contemporaneidade, o sujeito e a língua. Chegamos a algumas reflexões que, embora não possam ser tomadas como conclusivas, merecem um tratamento da Análise de Discurso. São elas:

- a) O discurso sobre a nudez do corpo divide-se em duas formações discursivas, que denominaremos de Beleza Exigente (BE) e Beleza Real (BR). A BE é magra, mas não tem caráter, enquanto a BR é gorda com celulite, mas tem caráter. Ora, esse discurso não é apenas uma forma individualizada de expor o corpo feminino, mas é atravessado por um discurso publicitário que pretende vender produtos para uma população crescente de gordos e obesos;

- b) o corpo é revestido de um discurso de baixo calão (ou palavrões), através do qual a contemporaneidade produz uma língua de humor, para que esse discurso produza sentidos que *vistam* um corpo, geralmente referido a regiões de órgãos genitais, cômico, ou seja, um corpo divertido, que afeta os sujeitos em sua formação imaginária social. A textualização mais corriqueira desse discurso de baixo calão que reveste os corpos contemporâneos é a piada;
- c) o discurso feminino sobre a beleza produz um efeito de sentidos de simulação, onde o corpo é mostrado, mas com imperfeições escondidas por trás do denominamos de “máscara de beleza”; o discurso contemporâneo pretende tornar a mulher uma consumidora de produtos de estética do corpo, para que este possa ser mostrado nu e belo;
- d) o discurso “macho” de dizer o sexo realiza-se na atual conjuntura por diferentes formas, mas em todas o falo é um símbolo de liberdade e poder; na sociedade contemporânea, os sujeitos ambivalentes perdem sua subjetivação exigida pelo Estado e mostram sua individualidade, através da prática de fazer o seu próprio sexo falar, é o “macho” que não se submete ao Estado, mas diz sua liberdade e poder de fazer;
- e) o discurso médico, quando trata da sexualidade, reitera a natureza ambivalente do sujeito contemporâneo: ele é um indivíduo que tem *problemas de ereção*, facilmente solucionáveis, portanto, mas, ao mesmo tempo, é um sujeito doente (*fatores físicos frequentemente são a causa* da disfunção erétil), que precisa ser tratado pela aparelhagem estatal da saúde (ou mecanismos semelhantes);

f) a língua de equívocos da contemporaneidade é desejo, mas também fuga de sentidos, que escapam do controle do sujeito, educado por dicionários e gramáticas; podemos afirmar que, na contemporaneidade, as línguas têm corpo, mas sujeito a desordens e falhas.

São essas reflexões que trazem para a Análise de Discurso, compreendendo que a contemporaneidade, o sujeito e a língua são questões intimamente relacionadas e que requerem e exigem uma resposta dos analistas de discurso. Por outro lado, sabemos que não podemos encontrar respostas prontas e imediatistas, porém precisamos pensá-las em termos de objeto, metodologia e conceitos teóricos.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DANTAS, Aloisio de Medeiros. *Sobressaltos do discurso*: algumas aproximações da análise do discurso. Campina Grande: Edufcg, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível*: o discurso na história da linguística. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Melo. Campinas: Pontes, 2004.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni. Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L; MITTMANN, S. (org.) *O discurso na contemporaneidade*: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto*: formulação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001

ORLANDI, Eni P. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Edunicamp, 1990a.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990b.

PIADAS DE ADULTO. *Saca Rolha*. Disponível em <<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?Saca-rolha->>. Acesso em 28 maio 2012.

PROBLEMAS DE EREÇÃO. *Médico*. Disponível em <<http://medico.uol.com.br/br/topic/problemas-de-erecao/consideracoes>>. Acesso em 28 maio 2012.

TENHO celulite, mas tenho caráter, diz Preta Gil". *Folha Ilustrada*. 27 maio 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1096018-tenho-celulite-mas-tenho-carater-diz-preta-gil.shtml>>. Acesso em: 28 maio 2012.

UM EPISÓDIO... *Portal Correio*. Disponível em <<http://www.portalcorreio.com.br/noticias/matLer.asp?newsId=210072>>. Acesso em 28 maio 2012.

ZAMBONI, Isabela; MARQUES, Melissa. Maquiagem para noivas. *Papo feminino*. 23/04/2012. Disponível em <<http://papofeminino.uol.com.br/2011/revistas/malu/o-que-fazer-antes-da-maquiagem>>. Acesso em 28 maio 2012.

[Recebido em 29 de maio de 2012  
e aceito para publicação em 26 de agosto de 2012]